

Memórias do microespaço

Memories of Microspace

PATRÍCIA AZAMBUJA

Departamento de Comunicação Social - UFMA

Professora Associada do Departamento de Comunicação Social - UFMA, doutora em Psicologia Social pela UERJ, mestre em Artes Visuais pela UNESP e pesquisadora vinculada ao Observatório de Experiências Expandidas em Comunicação - ObEEC/ UFMA.

<https://orcid.org/0000-0002-4092-3868>

patricia.azambuja@ufma.br

RESUMO

Se o “olhar colonial» tem poder de restringir o pensamento, seria a “decolonialidade” o exercício de liberdade que tanto imaginei para a minha própria existência? Talvez eu não seja a responsável pela criação do imaginário que permeia o meu cotidiano até então; mas seria possível tornar-me detentora dessa porção imaginativa da vida a partir de agora? O medo da estagnação assombra os meus dias, e temer não pode ser a saída. Imaginar sim, mobiliza! Construir um repertório a partir das minhas próprias experiências, ou através do conhecimento de quem sou de fato, é resgate. É libertário e possível.

Palavras-chave: imagem; decolonialidade; arte; fotografia.

ABSTRACT

If the “colonial gaze” has the power to restrict thought would “decoloniality” be the exercise of freedom that I imagined so much for my own existence? Perhaps I am not responsible for creating the imaginary that has passed through my daily life so far; but would it be possible to become the owner of that imaginative portion of life from now on? If the fear of stagnation haunts my days, and fear cannot be the way out, imagine it, mobilize! Building a repertoire from my own experiences, or through the knowledge of who I really am, it is a rescue. It is libertarian and possible.

Keywords: *image regimes; aesthetics; decoloniality.*

Do que transcorre uma “perspectiva colonial” do pensamento? Talvez seja invenção dos poetas, de quem se diz, segundo Manuel de Barros (2001), que há na cabeça um parafuso a menos. Como posso ser povoada por conceitos outros, imagens outras, que não as minhas próprias, se sou eu pessoa convicta, livre e ciente das minhas próprias necessidades? Apesar de crer piamente na liberdade que afirmo ter, me pergunto: será que, como pondera Henri Bergson (2006), tenho minha autonomia garantida sem abrir mão dos meus sentimentos, do meu eu profundo, do puro movimento? Ou estou enredada, sem aviso, pelo eu ligado à vida prática, quantificável e bem planejada, àquela que reserva a mim um epílogo já escrito?

Acredito que as imagens que acumulo do mundo possuem poderes sobrenaturais sobre a minha existência, sobre minhas questões mais íntimas. Projeções imagéticas que dizem tudo sobre as superfícies que vislumbro, que ocupo, mas dizem mais sobre mim mesma. Posso ter domínio criativo sobre elas, como campos férteis e inventivos; contudo, observo, de quando em quando, que nada manifestam além de confirmações replicantes dos dias que se convertem em meses, e dos meses que se convertem em anos. Me pergunto incessantemente se minha memória expressa o tempo em movimento da minha própria vida, de lembranças intensas e emoções profundas; ou estagnei nas reminiscências que os outros criam acerca do infinito.

A Fig. 1, por exemplo, me convida à abstração de formas com muitas possibilidades representativas, na maioria das vezes resumidas ao belo pôster que convoca a conhecer um novo ponto turístico. Onde fica? Como chegar? O que comer? O que comprar? Quanto custa?



FIGURA 1: **Cartão postal.** Fonte: Acervo do fotógrafo Hipólito Cesar, dezembro/ 2019.

A desfalque de outros modos de conhecer o mundo muito provavelmente ocorre. Não sei bem explicar porquê. Apenas sei que (de)limitar facilita minhas operações cognitivas, hoje demandadas à exaustão. Logo, passo a me questionar se o que fica de fora da equação experimentar-compreender poderia interessar; e se tenho participação ativa nessas operações que incluem e subtraem. Sendo o exercício da liberdade para mim valoroso, tenho gosto em exercê-lo, ao invés de deixar-me levar por existências outras; considerando o preço alto que pagarei quando me descobri ser quem nunca desejei. Assim, aprendi lendo Walter Mignolo (2011, p.18) que *negação* e *opressão* são dois aspectos da lógica do colonialismo. Quando sou levada a subtrair - por sobrecarga ou qualquer outro motivo -, limito minha capacidade de aprendizagem a uma fração restritiva de possibilidades, assim passo a *negar* e *oprimir* muitas outras existências, igualmente possíveis e ricas. Tal descoberta me obriga a constatar como relações coloniais operam lógicas desiguais de poder, por ser a *assimetria* fator essencial para manutenção dessas operações.

Alguns comportamentos não consigo negociar com facilidade, exemplo: a opressão é conduta eticamente reprovável. Mas quando me percebo preenchida por existências que nada acrescentam à minha, ou por realidades que limitam o mundo a um coletivo uniforme e homogêneo, sou provocada a desprogramar meus modos de pensar. A decolonialidade exige muito esforço, admito! Nem sempre tenho ânimo. Mas sinto que preciso me pôr a sentir e saber outras coisas, me pôr em movimento, em um planeta movente.

*Nada parece mais relevante nesses
tempos conturbados que vencer o medo
do oculto e flexibilizar com amorosidade
as formas de pensamento*

Se o que vemos e o que nos olha são coisas distintas, George Didi-Huberman (2010) arremata - a despeito de fabricar-se objetos despidos de todo ilusionismo espacial, que não mintam ou ocultem suas intenções - o quanto cabe menos ao objeto afirmar verdades, e mais ao seu interlocutor comportar-se como alguém que busca de fato descobrir algo novo.

As paisagens turísticas nem sempre têm poder de dizer mais sobre os lugares, já os espaços em si podem dizer muito sobre si. Do deserto de 156 mil hectares de área, coberto por dunas de areias (Fig. 1), da areia escaldante ou arrefecida pela água (Fig. 2), da fonte vital que também se dá pela resistência dos seres que não reconheço, os ocultos, os monstros (Fig. 3) - preciso internalizar que deles sou dependente, mesmo não me dando conta disso.

Como a observação do microespaço tem poder de promover descobertas? O encanto das raízes retorcidas, por exemplo, não está apenas no que reconheço por meio do meu repertório de significados, mas no que inadvertidamente me permito compreender, quando o "olhar decolonial" das imagens me convoca a experimentar em termos de existências outras.



FIGURA 2: Vitalidade. *Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/2020.*



FIGURA 3: **Ocultos?** Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020.

São muitas as leituras inclusivas, subversivas, políticas que me possibilitam sobreviver a esse mundo - que de tão descomunal, estranhamente, precisa ser convertido em casulo confortável e limitante. Donna Haraway (1999) narra, para quem tem disposição, sobre a "promessa dos monstros" e o exercício cartográfico de viajar por paisagens físicas e mentais - que passo ou não a considerar como sendo a natureza. Tanto raízes quanto outros seres orgânicos da paisagem *não turística* propõem um acordo reflexivo acerca das imagens que, algumas vezes, se sobrepõem como espaços desconhecidos, considerados inadequados, por seu viés pouco específico. Assim, nos referimos aos não-humanos (técnicos ou orgânicos), ou mesmo a esse espaço semiótico chamado Terra, mas estranhamente também aos humanos - e isto choca! Os "outros inapropriados" de Haraway (1999) podem incitar-me a repensar a relação social da natureza artefactual - que para ela precisa ser um "artefatualismo reflexivo", mais afeito à própria imaginação, complexo, resignificante e responsável pela gestão do coletivo, como uma questão de sobrevivência existencial. Os simulacros que atravessam a minha vida extenuam, por consequência, confirmar significados apareça como um ímpeto incontrolável. Em contrapartida, a coexistência através da diversidade assusta, e me pergunto por que me sinto impelida a todo momento a remodelar comportamentos? Talvez por isso extenuo e assusto. Ser monstruosidade inapropriada, invisível, subjugada ou simbiótica (Fig. 4) me faz querer ser independente, produtiva, reconhecível e bela (Fig. 5).



FIGURA 4: Subjugados e subjugadores. Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020.

Subjugar e ser subjugada, impulsos de sobrevivência ao medo, quando nada mais me resta [...] a não se compreender que nada sou sozinha, dependo desse coletivo, complexo e estranho.



FIGURA 5: **Bela útil**. Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020.

*Difícil fotografar o silêncio.
Entretanto tentei. Eu conto:
Madrugada a minha aldeia estava morta.
Não se ouvia um ba rulho, ninguém passava entre as casas [...]
Tinha um perfume de jasmim no beiral de um sobrado.
Fotografei o perfume (BARROS, 2000, p.9).*

No “reino da despalavra”, de Manuel de Barros (2001, p.21), o belo, útil e decifrável ramo se sobrepõe à rude subjugada madeira? Ou neste reino, “os poetas podem humanizar as águas [...] aumentar o mundo com suas metáforas [...] afetos” (ibidem, p.21) e, enfim, dominar instintos primitivos? Por essa medida, me imagino a sentir imagem áspera atravessar meus dedos e ferir os significados que vinham em minha mente; da mesma forma, a atmosfera com o aroma de mato a invadir minhas narinas. “Fotografei aquele vento de crinas soltas” (ibidem, p.25). Um mundo imaginado a partir de paisagens indecifráveis. Por vezes, imemoriais. Lugar onde formas produtivas podem ser úteis mesmo quando preservam a poesia do incomum. O artesanato extraído da estranheza monstruosa dos troncos e raízes (Fig. 6), agora vidas mortas-sobreviventes em outras formas: o da subsistência humana que produz refugio (Fig. 7).

Confuso [...] coexistir seres tão antagônicos: delicados ou ásperos, reconhecíveis ou estranhos, oportunos ou impróprios, produtivos ou indolentes, enfim, as interferências são efeitos vitais e mapas para a compreensão do mundo.



FIGURA 6: Morta-sobreviventes. *Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020.*



FIGURA 7: Refugio produtivo. Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020.

O meu “olhar colonial” reconhece sem esforço paisagens grandiloquentes dos discursos quantificáveis da natureza produtiva, aquelas que dizem tudo de imediato e, tantas outras, calam. A perspectiva “decolonial” desarranja meus padrões de reconhecimento, só assim me dou conta do esforço que depreendendo no intuito de assimilar múltiplos significados, quase sempre ocultados pela superficialidade das coisas.

*Como me sinto impactada por essa tentativa
de reconhecer o desconhecível!*

O que permanece daquilo que exploro, ou sobrevive daquilo que não vejo na paisagem turística? Coisas e não pessoas? Ou metáforas humanas das materialidades das existências perdidas no tempo? A superioridade do homem domina meu imaginário sobre a duração da matéria, humano que tudo vê, tudo controla ou produz. E que inevitavelmente apaga a imagem na natureza que vive, sobrevive, independente da civilização que a utiliza, consome e, a partir dela, subsiste.

Da passagem do tempo que me reduzirá à síntese do esquecimento (Fig. 8), ou das marcas que impactam a minha existência (Fig. 9), hoje não sou mais eu, reduzi-me àquilo que buscava descrever.

Completamente inspirada pela cartografia de Donna Haraway (1999), que viaja por paisagens físicas e pelas estruturas mentais decorrentes delas, me percebo considerando a necessidade de controvérsias, dos impróprios e da reflexão, como questões de sobrevivência e do já constantemente anunciado fim de tudo.



FIGURA 8: Síntese do esquecimento. Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, agosto/ 2020.



FIGURA 9: **Passagens de existências.** Fonte: Acervo pessoal de Patrícia Azambuja, dezembro /2019.

Os monstros habitam em mim.

Preciso conhecê-los para então conter seus ímpetos.

Assim talvez agir em benefício do coletivo - que hoje reverbera através da minha existência.

Coletivos compostos de humanos, não humanos, de tecnologias e orgânicos, instituições e outras criaturas. A articulação desse universo não é uma questão simples; Haraway (1999) me diz ao pé do ouvido: apesar da natureza não se expressar através da linguagem, é profundamente articulada. Podemos aprender com ela! Modos e conexões que podem ser feitas, talvez revivendo o mundo obsoleto, articulando coisas assustadoras, arriscadas e imprevistas.

Saber articular é existir de fato.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Biblioteca Manoel de Barros** [coleção]. São Paulo: LeYa, 2013.

BERGSON, Henri. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução de João da Silva. Lisboa: Edições 70, 1988.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **O que vemos, O que nos olha**. São Paulo, Editora 34, 1998.

HARAWAY, Donna. **La promesa de los monstruos**. Una política regeneradora para otros inapropiados/bles. In Política y Sociedad, n.30, 1999.

MIGNOLO, Walter. "Aisthesis Decolonial". **Calle 14**: Revista de Investigación en el Campo del Arte. v.4, n.4, 2011.